
MALCOLM LOWRY NO OCASO DO IMPÉRIO

MALCOLM LOWRY IN THE FALL OF THE EMPIRE

MALCOLM LOWRY EN EL OCASO DEL IMPERIO¹



Nair María ANAYA FERREIRA*
Universidad Nacional Autónoma de México

Traduzido por:
Mara Gonçalves BEZERRA**
Universidade Federal de Santa Catarina

Andréa CESCO***
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo propõe uma leitura de *À sombra do Vulcão*¹, de Malcolm Lowry, centrada na importância da história moderna e na presença do Império Britânico na narrativa do último dia de Geoffrey Firmin. Seguindo a noção de uma “leitura contrapontística” dos textos canônicos ingleses, formulada por Edward Said, discuto que, por ter nascido na Índia, o Cônsul (britânico) não consegue ter um sentido de pertencimento à Grã Bretanha, senão que se encontra em uma situação intersticial e liminar que antecipa a ruptura entre uma identidade imperial e uma identidade nacional, uma das maiores problemáticas abordadas nos estudos teóricos atuais sobre a identidade (especialmente nos estudos pós-coloniais). A partir desta perspectiva, a ênfase na situação imperial permite uma leitura que rompe com as interpretações do México como um “paraíso infernal” que perpetuou o estereótipo do nosso país mesmo em estudos críticos sobre o romancista.

Palavras-chave: Malcolm Lowry, escritor pós-colonial?. México na literatura inglesa. Análise do discurso colonial. Identidades pós-coloniais. Modernismo e ocaso do império.

Abstract: The purpose of this article is to offer a reading of Malcolm Lowry’s *Under the Volcano* focused on the importance of modern history and the presence of the British Empire in the narration of the last day of Geoffrey Firmin. Following Edward Said’s notion of a “contrapuntal reading” of canonical texts, my view is that being an Anglo-Indian, the (British) Consul lacks a sense of belonging in regard to a British identity. He lives, therefore, both in a interstitial and a liminar situation which anticipates the breaking up between a sense of national identity and a sense of imperial identity, which constitutes, in fact, one of the main subjects in contemporary theoretical studies about identity (especially in Postcolonial Studies). From this point of view, the current interpretation breaks with a very common reading of the novel in which Mexico is just seen as an “infernal paradise”, an image which has perpetuated a degrading stereotype of the country, even in some serious critical studies about the author.

Keywords: Malcolm Lowry, postcolonial writer?. Mexico in English Literature. Analysis of colonial discourse. Postcolonial identities. Modernism and the fall of empire.

RECEBIDO EM: 16 de fevereiro de 2019

ACEITO EM: 31 de agosto de 2019

PUBLICADO EM: janeiro de 2020

MALCOLM LOWRY NO OCASO DO IMPÉRIO

188

Dentro da tradição literária inglesa, Malcolm Lowry (1909-1957) é um autor excêntrico. Embora sua obra máxima *Under the Volcano* (*À sombra do Vulcão*) (publicada em 1947) tenha sido incluída entre os 100 melhores romances em inglês do século XX, lista publicada pela “Modern Library” (braço do grupo editorial da Random House), é difícil encontrar o nome de Lowry ou de sua obra incluído nas histórias literárias do romance inglês moderno. Certamente, não aparece como parte da controvertida reflexão a respeito das grandes obras da tradição ocidental proposta por Harold Bloom, quem nem sequer considera a Lowry como uma possibilidade para sua “profecia canônica” (BLOOM, 1994). A recepção no México, por outro lado, o converteu em um autor “cultuado”, e seus leitores tendem a se concentrar em dois aspectos fundamentais: o alcoolismo de Lowry e seu protagonista, e a importância do cenário mexicano como um paraíso infernal (a combinação, às vezes clichê, de uma simbologia relacionada com a morte e a violência, e a imagem do México como um país violento e ingovernável). Este último ponto constitui a lente através da qual os críticos de língua inglesa que exploram a imagem do México na narrativa dos autores ingleses que vieram ao nosso país nas primeiras décadas do século XX costumam dar destaque: D.H. Lawrence, Graham Greene, Aldous Huxley, Evelyn Waugh e, obviamente, Lowry (VEITCH, 1978; WALKER, 1978). Há uma explicação evidente para este tipo de leitura, pois o próprio Lowry – na famosa carta que escreveu ao seu editor, Jonathan Cape, em 2 de janeiro de 1946, para se defender contra as acusações feitas pelo parecerista do seu romance que o recusou para publicação, deu prioridade aos aspectos simbólicos e alegóricos do romance, entre os quais destacava o papel do México como

lugar de encontro [...] da própria humanidade, pira de Bierce e trampolim de Hart Crane, arena milenar de conflitos raciais e políticos de toda índole, e onde um colorido e genial povo autóctone tem uma religião que podemos descrever toscamente como uma religião baseada na morte, pelo menos tão apropriada como Lancashire ou Yorkshire, para situar nosso drama da luta de um homem entre os poderes da escuridão e da luz. Sua distância com relação a nós, assim como a semelhança de seus problemas com os nossos, contribuirão, a seu modo, para a tragédia. (LOWRY, 2007, p. 67)².

Porém, há um aspecto que tem sido pouco considerado pelos críticos e que, na minha opinião, oferece outras possibilidades de leitura deste romance magistral. Se tomamos como ponto de partida a análise “contrapontística” sugerida por Edward Said para a leitura e

interpretação não apenas das obras canônicas da tradição europeia, mas também do arquivo completo da Europa e dos Estados Unidos, podemos apreciar que, em *À sombra do Vulcão*, Lowry não só mostra uma percepção extraordinária sobre as repercussões do fenômeno de expansão imperial no mundo moderno, como também tem uma postura radical em relação ao dito fenômeno. Isto resulta paradoxal pois, em certo sentido, *À sombra do Vulcão* faz parte do arquivo do “discurso colonial”, ou seja, uma daquelas obras sobre as regiões “exóticas” do planeta que permitia aos europeus estabelecer uma distinção entre “nós” e os “outros”. Contudo, ao mesmo tempo, sua posição crítica antecipa algumas das temáticas que agora são analisadas por perspectivas crítico-teóricas associadas com os estudos pós-coloniais.

O propósito deste ensaio será analisar a forma como Lowry elabora um contradiscurso que questiona seriamente alguns dos princípios ideológicos do seu tempo, especialmente o do conceito de “Englishness” (anglicismo) como parte da complexa estrutura política e cultural que sustentou o fenômeno de expansão imperial britânico. Assim, no caso de *À sombra do Vulcão*, a leitura contrapontística proposta por Said – ou seja, “esforçando-nos por extrair, estender, enfatizar e dar voz ao que está calado, ou marginalmente presente ou ideologicamente representado nos [textos coloniais]... Ao ler um texto, [o leitor] devemos abri-lo tanto para o que está contido nele quanto para o que foi excluído pelo autor” (SAID, 2011, p. 92-93)³ – consiste em analisar de que forma a expansão imperial britânica afeta a vida dos protagonistas e permeia o desenvolvimento da trama a tal ponto que obriga a modificar (ou ao menos matizar) a interpretação crítica comum do México como “paraíso infernal”. Minha proposta é que, embora o cenário mexicano do Dia dos Mortos no período cardenista funcione como um correlato no romance, a queda de Geoffrey Firmin se deve ao fato dele viver as tensões causadas pelo ocaso do império, o que lhe provoca um sentimento de alienação do qual não pode escapar. A primeira destas tensões, como argumentarei mais adiante, surge do fato de que o “British Consul”, o Cônsul inglês, não é realmente inglês, mas anglo-indiano, e isto provoca um estado de neurose – causado pelo abandono e pela migração forçada – que, em primeira instância, o faz viver com uma sensação permanente de desarraigo, o que, por sua vez, o converte em um “fracassado” no serviço civil da carreira britânica e, finalmente, o leva à morte.

Quanto ao uso do México como local exótico, semelhante ao peregrinar de Lowry por alguns países, como já argumentei em outro momento (ANAYA, 2001), não constituem fatos extraordinários, mas fazem parte de uma longa tradição britânica (e europeia) na qual o exotismo contribuiu para acentuar o sentido de pertencimento à “civilização”, seja por uma

ANAYA FERREIRA, Nair María. *Malcolm Lowry no ocaso do Império*. Belas Infieis, Brasília, v. 9, n. 1, p. 187-203, 2020. Traduzido por: Mara Gonçalves BEZERRA e Andréa CESCO.

aceitação acrítica por parte de seus expoentes ou como meio para questionar e relativizar certos valores europeus (especialmente o relacionado à sexualidade e ao desejo). Além da necessidade de encontrar cenários exóticos, a presença de D. H. Lawrence, Aldous Huxley, Arthur Calder-Marshall, Graham Greene, Evelyn Waugh e Ralph Bates no México, tinha, em todos os casos, um fim posterior. Lawrence, por exemplo, vivia na busca permanente de um lugar ideal onde situar sua comunidade utópica: Rananim; Huxley desejou seguir os passos de seu mentor, Lawrence; Greene e Waugh tinham o claro propósito de desprestigiar o governo Cárdenas; Bates, pelo contrário, tinha uma postura socialista e veio ao México patrocinado pelo Partido Comunista; Lowry foi o único que chegou no México por necessidade, buscando, simplesmente, um lugar em que a mesada paterna durasse mais. A partir desta perspectiva, até Bradbury, que considera Lowry um escritor modernista (BRADBURY, 1973), insiste em que seu caso é extraordinário, porque seu exílio autoimposto não se dirigiu às importantes capitais europeias – como no caso de Joyce, Beckett ou Durrell – mas implicou em um trânsito desafortunado que o conduziu a um país periférico, visto pelos europeus na década de 1930 como “primitivo e exótico”, cujos interesses comerciais britânicos, para completar, estavam sendo afetados radicalmente. Em suma, apesar de não ser uma colônia inglesa, México constituía uma espécie de extensão do império devido à influência ideológico-financeira exercida desde finais do século XIX, e esse fato, o sabemos bem, será fundamental para o desenvolvimento da trama de *À sombra do Vulcão*. A partir desta perspectiva, o primeiro parágrafo do romance estabelece as coordenadas da expansão imperial em relação ao continente americano e conecta – ainda que o leitor o ignore nesse momento – os lugares de nascimento e morte dos protagonistas, Geoffrey Firmin e Yvonne:

Duas cadeias de montanhas atravessam a república, aproximadamente de norte a sul, formando entre elas numerosos vales e platôs. Para um desses vales, que é dominado por dois vulcões, abre-se a 1800 metros acima do nível do mar a cidade de Quauhnáhuac. Ela se encontra bem ao sul do trópico de Câncer; no paralelo 19 para ser exato, quase na mesma latitude em que estão, Ivoa oeste, no pacífico, as ilhas de Revillagigedo – ou muito mais para oeste, na extremidade sul do Havaí – e o porto de Tzucox a leste, na costa Atlântica do Yucatán, perto da fronteira com Honduras Britânica, ou – muito mais para o leste – a cidade de Juggernaut na Índia, no golfo de Bengala. (LOWRY, 1964, p. 9, tradução nossa).

É em relação a este espaço que Lowry estabelece o contraponto entre a especificidade da paisagem de Quauhnáhuac (e os fatos concretos acontecidos no Dia dos Mortos de 1938) e a aparente opacidade dos outros lugares mencionados, os quais não só representarão o passado dos protagonistas, mas que também serão simbólicos do fenômeno colonial em geral.

Ao longo do artigo proponho explorar a forma como Lowry outorga um alto nível de significação a estes lugares como parte das constantes analepses que tanto desgosto causaram ao leitor de Jonathan Cape. Ao não ser parte da sucessão cronológica dos desencontros e das desventuras de 2 de novembro de 1938 e, portanto, ao desviar a atenção do cenário mexicano e da sua simbologia, ditas analepses poderiam parecer excessivas, se não fosse porque constituem o fundamento da catedral churrigueresca⁴ com a qual Lowry comparou a estrutura do seu romance (LOWRY, 1967, p. 88). Por meio deste recurso narrativo, Lowry oferece vislumbres da vida de seus protagonistas antes de sua chegada ao México e incorpora o tema do desarraigo e a ruptura da identidade ocasionada pelo fenômeno colonial, com o qual antecipa uma das maiores preocupações da atualidade.

Ao explorar, especialmente, os conflitos internos de Geoffrey e Hugh Firmin, Lowry parece predizer o que Gayatri Spivak escreve sobre as identidades pós-coloniais e diaspóricas: “empire messes with identity”, ou seja, o império afeta e arruina a identidade tanto dos colonizados como dos colonizadores (SPIVAK, 1993, p. 226). O alcoolismo do Cônsul nada mais é do que a manifestação evidente, a ponta do iceberg, de uma problemática mais profunda. Por um lado, sofre, assim como Rudyard Kipling e George Orwell, as consequências das tensões vividas pelos filhos de funcionários britânicos: nascem na Índia e são parte de um grupo que, apesar de ter certos privilégios, também não alcançam o topo da escala social. Na Índia, sentem nostalgia pelo lar (Inglaterra), mas são vistos pelos autóctones como estrangeiros e usurpadores. Paradoxalmente, quando retornam a Inglaterra, encontram-se em uma posição em que também não se encaixam como cidadãos britânicos; dessa forma, como demonstra Simon Gikandi em *Maps of Englishness*, é produzida uma ruptura entre as noções de “império” e “nação-estado” (GIKANDI, 1996). Dita ruptura é perceptível nas figuras de Geoffrey e Hugh, cuja identidade é ao mesmo tempo intersticial e liminar.

Neste sentido, é possível afirmar que não é gratuito que Lowry tenha criado sua obra suprema empregando algumas das estratégias narrativas do modernismo – não apenas em aspectos formais, como a estrutura circular da narrativa, a multiplicidade de perspectivas, a densidade intertextual (oriunda de fontes díspares e distanciadas entre si), as constantes rupturas na temporalidade da narrativa, o uso do monólogo interior ou ainda a ênfase expressionista na distorção e no grotesco –, senão especialmente na recriação de uma angústia existencial ocasionada pela deterioração moral do entorno. Compartilha com Joseph Conrad e E.M. Foster, por exemplo, as características que Said vincula à cultura modernista como uma resposta às pressões que o império impôs à cultura em geral; ou seja, compartilha com alguns

ANAYA FERREIRA, Nair María. *Malcolm Lowry no ocaso do Império*. Belas Infieis, Brasília, v. 9, n. 1, p. 187-203, 2020. Traduzido por: Mara Gonçalves BEZERRA e Andréa CESCO.

de seus contemporâneos o fato de que suas obras compreendem “desde a experiência triunfalista do imperialismo até os extremos de autoconsciência, descontinuidade, autorreferência e ironia corrosiva”, que colocam em dúvida o sucesso da ação imperialista (SAID, 2011, p. 229). Minha proposição aqui é de que Lowry cria uma complexa estrutura na qual debilita os valores imperialistas, especialmente algumas noções como a importância e o triunfo das expedições missionárias ou científicas, a efetividade do colonialismo, ou ainda atributos como o valor, a responsabilidade ou a temperança (atributos que costumam fazer parte da noção de “Englishness” ou “inglesidade”). A crise de identidade de Geoffrey e Hugh tem raízes na alienação múltipla, que começa pelo fato de terem nascido na Índia, terem ficado órfãos e terem sido abandonados pelo pai, que tinha “de forma escandalosa, sumido há um ano ou mais. Ninguém nunca soube ao certo, fosse na Caxemira ou alhures, o que aconteceu com o homem. Um dia tendo subido o Himalaia, ele evaporou, deixando a Geoffrey em Srinagar com seu meio-irmão Hugh, então um bebê de colo...” (LOWRY, 2007, p. 26).

192

A sensação permanente de abandono acompanhará estes personagens ao longo de suas vidas. Para Geoffrey, além disso, é gerado um sentimento de culpa por não ter cuidado do irmão (há entre eles em torno de dez anos de diferença). Passam por várias famílias adotivas e, finalmente, ficam separados: Hugh é cuidado pela tia paterna, enquanto Geoffrey conclui seus estudos universitários e começa a trabalhar no Serviço Diplomático (o que compromete o seu desejo de ingressar no Serviço Civil da Índia). A partir de alguns detalhes relacionados com esses episódios, Lowry oferece uma visão mais ampla da identidade fragmentada e autodestrutiva dos personagens, que presenciamos na narrativa do último dia da vida do Cônsul, mas também elabora um contraponto irônico (em algumas ocasiões satírico) de todo o processo de colonização, incluindo um assunto que atualmente é um tema teórico fundamental na Grã-Bretanha: o da defasagem do sentido de pertencimento a um conceito de estado-nação que há algumas décadas estava associado eminentemente ao de uma identidade imperial.

Lowry utiliza diversas estratégias para desenvolver estes temas e vinculá-los à atmosfera trágica que permeia toda a trama. Uma delas é a apresentação indireta dos aspectos biográficos dos personagens, quer seja por meio das lembranças de alguém (por exemplo, no primeiro capítulo, as lembranças de Laruelle sobre a sua juventude com o Cônsul, quando esse acabava de chegar à Inglaterra depois do desaparecimento de seu pai e da morte de sua madrasta) ou como parte das alucinações de Geoffrey. Talvez o único caso em que as memórias provêm claramente do personagem acontece no capítulo seis, em que Hugh faz um

longo relato de sua vida, suas frustrações e seu sentimento de fracasso, principalmente por não ter renunciado a seus ideais. Não se pode esquecer que a estratégia narrativa do romance consiste em um narrador heterodiegético que é introduzido de tal forma na mente dos personagens que em algumas ocasiões (como acontece com o senhor Quincey no episódio do jardim) é quase impossível diferenciar, até no nível gramatical, quando é o narrador que relata e quando estamos dentro da mente do protagonista. Interligado ao anterior, cada capítulo se concentra primordialmente em um dos quatro personagens e é através de cada um deles que percebemos e conhecemos os sentimentos, pensamentos, sensações e reações do personagem em questão e dos demais. Neste sentido, a narrativa de *À sombra do Vulcão* pertence ao que Dorrit Cohn denominou de “psiconarrativa”, que está mediada por um narrador que costuma permanecer oculto e que se funde com facilidade à consciência que está narrando (COHN, 1978, p. 26). Dita estratégia permite a Lowry não apenas ter uma flexibilidade temporal quase ilimitada (COHN, 1978, p. 34), mas também sustenta a complexa estrutura temporal e espacial assinalada por alguns críticos: por um lado, a narrativa mimética da trama, com um ritmo cronológico claramente estabelecido e, por outro, um enredo solipsista e simbólico que quebra muitas vezes com o fluxo temporal (WOOD, 1980, p. 150 e GRACE, 1982, p. 154-155). Além disso, as inúmeras referências intertextuais e os motivos recorrentes dão coerência à obra em um nível mais profundo, pois estabelecem o tom trágico (com toques de comédia) e grotesco do romance; constroem os paradoxos que giram em torno da vida e da morte, mas, sobretudo, do como viver; produzem a crescente sensação de angústia e opressão vinculada com a situação mundial (a Guerra Civil espanhola, o início da Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, a instável situação política e social do México); recria o ambiente histórico-cultural do México e o mundo (a tal ponto que podemos resgatar a música popular do momento, como “Guadalajara” tocada por *mariachis*, também as figurinhas, calendários e anúncios tão característicos do nosso entorno); mas acima de tudo, profundiza na caracterização dos personagens, porque estabelece uma série de valores idealistas (inclusive virtudes, no sentido cristão) dos que os protagonistas estão conscientes, mas que não conseguem alcançar. Em conjunto, tudo isto contribui à ironia pujante com que Lowry desmistifica as glórias da expansão imperial, e que, nas palavras de Peter Nicholls, constitui uma das ferramentas primordiais contra a modernidade (NICHOLLS, 2009, p. 5).

193

No que se refere à forma como Lowry se distancia do império, me concentrarei no contraponto produzido entre as alusões à figura de Fausto e do Quixote com as alusões a Joseph Conrad, especialmente ao seu romance *Lord Jim*, assim como nos motivos temáticos

relacionados a histórias falidas da colonização e a exploradores fracassados. O fator que subjaz nestes elementos é uma noção de idealismo que toma diferentes formas, mas que ao mesmo tempo é debilitado pelas ações dos personagens e por outras referências históricas e literárias. Primeiramente, encontra-se como representação do idealismo mais elementar do romance, o amor de Geoffrey e Yvonne que cai junto com as figuras de palha do Quixote quando, no capítulo três, o Cônsul, com toda a consciência, sabe que continuará bebendo, apesar da chegada surpresa de sua esposa depois de um ano de ausência. Dita decisão conduzirá à impossibilidade de comunicação entre o casal e a sua ruptura final (LOWRY, 2007, p. 98). Porém, o tema quixotesco fica como uma das melodias contrapontísticas para o idealismo desinteressado e altruísta de um amor pelo próximo que nunca consegue se concretizar no romance, e fica não apenas implícito em todas as referências à parábola do “Bom Samaritano” (em especial o nome do barco no qual Geoffrey vivenciou uma experiência traumática que mencionarei a continuação, e o trágico episódio do capítulo oito, quando ninguém faz nada para ajudar a um indígena recém assassinado), o que é visto por Hugh como seu maior fracasso. Da mesma forma, os valores éticos e morais aos que o Fausto de Christopher Marlowe renuncia quando escolhe o conhecimento oculto e deixa de lado as disciplinas renascentistas, além do pecado da soberba e da incapacidade para solicitar o perdão divino e alcançar a redenção, anunciam a natureza da queda do Cônsul. Portanto, o que permeia é um sentimento permanente de culpa que está associado, naturalmente, com o pecado original e a expulsão do Éden.

Dentro deste marco simbólico, a caracterização do Cônsul (e seu apêndice, o meio-irmão Hugh) parte de uma ambiguidade que subjaz em toda a trama e que é apresentada por Jacques Laruelle (o fracassado cineasta francês), no primeiro capítulo, atormenta Geoffrey ao longo da narrativa e é lembrado vagamente por Hugh no capítulo seis: em sua juventude, a bordo de um barco da marinha mercante chamado *SS Samaritan*, navio “procedente de Xangai e destinado a Newcastle, Nova Gales do Sul, com uma carga de antimônio, tungstênio e mercúrio, a rota que ele vinha há algum tempo seguindo era de causar estranheza” (LOWRY, 2007, p. 38) e, fora do rumo, havia se deparado com um submarino alemão. O *Samaritan*, aparentemente sem armas, não ofereceu resistência, mas de repente “Como que por mágica, o carneiro se transformou num dragão cuspidor de fogo. O submarino nem teve tempo de ir para o fundo. Toda sua tripulação foi capturada” (LOWRY, 2007, p. 39). O capitão morreu no combate e, por alguma razão inexplicável, Geoffrey Firmin foi considerado o herói da operação e, recebeu “a Cruz ou Ordem do Mérito Militar Britânico por Serviços

Distinguidos” (LOWRY, 2007, p. 39). Contudo, o episódio sempre ficou marcado pela incógnita da sorte dos alemães capturados: “Alguma coisa tinha acontecido com esses oficiais alemães, e não era coisa boa. Pelo que se disse, eles foram sequestrados pelos foguistas do *Samaritan* e queimados vivos na fornalha” (LOWRY, 2007, p. 40). Apesar de Firmin ter sido absolvido pelo Conselho de Guerra, o sentimento de culpa nunca o abandona e se torna a grande ambiguidade do romance: o Cônsul foi ou não responsável por tal ato?

Especificamente neste caso, tais atos são permitidos numa situação bélica?

É a partir daí que a alusão a *Lord Jim*, de Joseph Conrad, desempenha uma significativa função simbólica. Em relação a Hugh, com quem está altamente associado, funciona de maneira paródica: Hugh (que nem sequer leu o romance) realiza a viagem, sem incidentes, aos Mares do Sul tentando encontrar o tipo de aventura conradiana. Sua vida é tão insignificante que não consegue nenhum dos seus objetivos (nem tocar violão, nem compor, nem tornar-se um jornalista sério e o pior de tudo, nem participar solidariamente na Guerra Civil Espanhola). Vive a vida sem responsabilidade, apesar de ter uma postura crítica de esquerda sobre o império e a colonização.

De fato, costuma perder seus documentos, especialmente o passaporte (como na ocasião em que o Cônsul, que ainda ocupava um posto digno em Paris, o restituiu), o que terá repercussões trágicas no fim do romance quando ditos documentos aparecem no *El Farolito*, no terno do Cônsul, e Geoffrey, acusado de espião comunista, é assassinado traiçoeiramente. Por outro lado, em relação ao Cônsul mesmo, *Lord Jim* não apenas incrementa a atmosfera de angústia existencial ocasionada pela traição e pela culpa mas, por meio dos paralelismos entre as ações de Jim e de Geoffrey, vincula Lowry com as preocupações éticas do mesmo Conrad a respeito do império. Jim abandona um barco repleto de muçulmanos a ponto de afundar. O barco finalmente é resgatado e Jim tem que viver com a vergonha de sua covardia e de haver traído o código dos marinheiros (tema apreciado por Conrad). Decide então se redimir e se converte em uma espécie de governador paternalista dos nativos de Sumatra, até que é traído por outro europeu e assassinado pelos nativos. Contudo, diferente de Conrad, de quem muito se escreveu sobre sua falta de empatia com essas regiões exóticas e com os nativos que as habitam, o Cônsul está tão imerso em sua embriaguez e é, no fundo, um personagem tão vulnerável, que rompe com esses estereótipos do discurso colonial (os quais, na obra mexicana de Lawrence, Greene, Huxley e Waugh eram completamente desprezados). Se, em Conrad, o dilema de seus protagonistas tem a ver com um vazio interior que faz com que a vida careça de sentido, em Lowry, na minha opinião, o dilema se deve ao fato de que o

Cônsul vive, como a cidade de Quauhnhuac o vê, nas palavras do senhor Bustamante: “em contínuo terror por sua vida” (LOWRY, 2007, p. 38) devido “às forças no homem que o fazem viver aterrorizado por si mesmo” (Lowry, 1967, p. 66).

A função do *Samaritan*, assim como dos navios em que Hugh realiza sua longa (e às vezes entediante) travessia pelos Mares do Sul, constitui, certamente, uma das principais atividades do império: levar matéria-prima das regiões periféricas às metrópoles. O espaço aberto de mar e terra fica, assim, confiscado pelas potências europeias em atos que são descritos, retoricamente, como parte do progresso da humanidade. Porém, em *À sombra do Vulcão*, tal apropriação se vê debilitada de forma constante e oferece um comentário irônico à situação vivida no México ao longo de sua história, especificamente, em 1938. Se o ronco alcoolizado do Cônsul representa em algum momento, como pensa Hugh “a voz emudecida da Inglaterra ferrada há muito no sono” (LOWRY, 2007, p. 105), então a situação do Império Britânico dista muito da glória da expansão, idealizada discursivamente. O próprio Hugh comenta a Yvonne um momento depois, durante a sua cavalgada, “se as sendas da glória não levam senão ao túmulo [...] a Espanha é o túmulo para o qual leva a glória de Inglaterra” (LOWRY, 2007, p. 111), [No original: “If the paths of glory lead but to the grave [...] then Spain’s the grave where England’s glory led” (LOWRY, 1947, p. 108)]. Baseado no famoso poema de Thomas Gray, “Elegy written in a Country Churchyard”, no qual o autor do século XVIII faz um comentário sobre o destino humano, Hugh demonstra sua preocupação com as repercussões políticas das relações e tratados internacionais: durante a Guerra Civil Espanhola, Lord Neville Chamberlain, que em algum momento flertou com Hitler, assinou em 1936 um tratado contra a intervenção estrangeira na Espanha, que afetou aos republicanos e, sob o ponto de vista de Hugh, conduziu à longa “Batalha do Ebro”, finalizada em 16 de novembro de 1938 (vem daí, no romance, o motivo associado a Hugh: “Estão perdendo a Batalha do Ebro”).

A falta de responsabilidade e de ética do império é o que transformou o Cônsul no que ele é. Inclusive o seu lugar sonhado, no Canadá, onde, ao que parece, é até o dono de uma ilha (na Columbia Britânica), é produto da avareza capitalista, como pensa Hugh durante sua conversa com Yvonne, quando sonham em escapar do México para livrar Geoffrey da bebida:

Vamos supor que desembarcamos em Vancouver, o que parece ser sensato. Até aí tudo certo: McGoff não ligava para a Vancouver moderna. A cidade, segundo ele, tem uma espécie de índole de Pago-Pago misturada com salsicha e purê de batata e uma atmosfera que puxa geralmente para o puritanismo. Todos estão profundamente adormecidos, mas basta dar uma alfinetada em alguém para que o pavilhão do Reino

Unido saia tremulando da toca. Em certo sentido, ninguém vive lá. É como se estivessem apenas de passagem. Abrem minas que depois abandonam. Explodem a terra em mil pedaços, derrubam árvores que enviam rolando para a península de Burrard... (LOWRY, 1964, p. 136, tradução nossa).

Para escapar qualquer lugar da terra é apropriado, seja porque pode ser colonizado facilmente ou porque faz parte do império. Tanto faz Canadá como Honduras Britânicas, Freetown na África Ocidental Britânica ou Trinidad nas Índias Orientais, Tristán da Cunha ou a ilha da frente, Gough, que está desabitada e a família Firmin poderia colonizá-la, ou até Sokotra “de onde costumava ir o incenso e a mirra e onde há camelos que escalam como camurças – minha ilha predileta no mar de Omã” (LOWRY, 2007, p. 127). O mesmo acontece com os lugares pelos quais Hugh transitou, no seu peregrinar sem rumo, ou Geoffrey cujo trabalho diplomático foi tão medíocre que o Serviço Diplomático o foi afastando “para consulados cada vez mais longínquos e finalmente para a sinecura de Quaunáhuac, posição onde era menos provável ele chegar a mostrar-se um inconveniente ao Império, no qual ao menos parte de sua cabeça como suspeitava M. Laruelle, acreditava com grande paixão” (LOWRY, 2009, p. 38-39).

As suspeitas de Laruelle, como se torna evidente ao longo do enredo, não são completamente acertadas, pois o Cônsul vai se tornando cada vez mais cético a respeito da natureza e da função do império. Tal atitude, porém, não é evidente, mas aparece velada em sua embriaguez e nas suas alucinações. O fato de que o Cônsul mantenha uma lucidez mental quase visionária, apesar de sua dipsomania, é justamente um dos triunfos do romance. Além de estar plenamente consciente do que acontece ao seu redor (por exemplo, o passar do tempo, e, às vezes, até dos minutos), sua ligação imaginária com as figuras de exploradores perdidos ou missionários que passam a viver entre os indígenas, subverte o discurso triunfal do imperialismo. Isto se torna particularmente irônico em função de que as alusões a estas figuras são marcadas pelo tom paródico que debilita o ideal que deveriam representar. Ao mesmo tempo, colocam o Cônsul, de forma permanente, nas fronteiras do império, como sendo de fato o personagem liminar. Em um dos episódios mais engraçados do romance, quando Geoffrey procura por uma garrafa no jardim de sua casa, praticamente convertida em uma selva na que somente falta o tigre do pintor Rousseau, Lowry inverte a significação textual de um dos ícones da exploração na África, quando Geoffrey é descoberto pelo seu vizinho puritano – “Dr. Livingstone, suponho?” (LOWRY, 2007, p. 139) – o estadunidense, dono de um nogueiral e aposentado, senhor Quincey, que representa exatamente o oposto do seu homônimo do século XIX, o autor das *Confissões de um comedor de ópio*. Da mesma

forma, um dos lugares idílicos com os quais sonha é a ilha Franklin, nomeada pelo líder da mítica e fracassada expedição pelo Polo Norte (e que forma, curiosamente, uma espécie de mito fundacional da atual identidade canadense. Finalmente, em sua aparente loucura, Geoffrey cria um alter ego que confirma, por um lado, a rejeição a todo processo de colonização, mas também, por outro, a ideia de que as expansões imperiais de alguma forma engolem ou fazem desaparecer aos que desejam adentrar em território desconhecido: o reverendo William Blackstone, colono que chegou a Massachusetts na segunda década do século XVII e que preferiu viver (e desaparecer) entre os indígenas em lugar de estar com seus congêneres puritanos britânicos. Geoffrey lembra também de seu amigo Wilson e seu semblante desesperado “no momento em que tão sobranceiro ele abandonou a Expedição Universitária para desaparecer, também metido numa calça a rigor, nas selvas da Oceania mais obscura e nunca mais retornar?” (LOWRY, 2007, p. 134). Não se pode esquecer, também, que Yvonne procede do Hawai, onde o Capitão Cook também morreu nas mãos dos nativos.

Como pode ser visto no argumentado anteriormente, *À sombra do Vulcão* difere do mero retrato do México como “paraíso infernal”. Pelo contrário, poderia se afirmar que, dentro do processo de expansão imperial britânico, a construção de linhas ferroviárias e a exploração petroleira no México converteram nosso país em um desses lugares periféricos e espoliados que tanto preocupavam a Geoffrey e a Hugh. Daí que, desde esta perspectiva, seja possível relativizar muitas das referências históricas de nosso país, acontecimentos sobre os que Lowry tinha uma ideia bastante clara, apesar de sua falta de sobriedade. A primeira reflexão crítica sobre o colonialismo europeu provém do francês Laruelle, quando este passeia pelo palácio abandonado, que agora é o Jardim Borda, e escuta as vozes fantasmagóricas de Maximiliano e Carlota: “Laruelle, ele estava farto de pesadelos. Nem mesmo sob máscara austríaca a França deveria se transplantar para o México, pensou. Maximiliano deu azar nos seus palácios também, pobre coitado!” (LOWRY, 2007, p. 20). E Geoffrey, entre uma e outra brincadeira, consciente dos problemas agrários do país e da pressão das potências estrangeiras, comenta com um desconcertante “senhor Quincey”:

E isso me faz pensar... Sabe, Quincey, tenho me perguntado muito se nessa velha lenda do Jardim do Éden etc. não já mais do que salta aos olhos. Já pensou se Adão, afinal de contas, não tivesse realmente sido expulso de lá? No sentido, é claro, em que costumamos entender as coisas [...] “Se o castigo de Adão consistisse de fato” insistiu com exaltação o Cônsul, “na obrigação de continuar vivendo ali, claro que sozinho - e sofrendo, sem ser visto, separado de Deus... ou talvez?” acrescentou, em uma linha mais jovial, “talvez Adão tenha sido o primeiro proprietário de terras e

Deus o primeiro reformista, uma espécie de Cárdenas, digamos - hehe! -, que o pôs a correr. Quem sabe, não é?” e o Cônsul regozijou-se no íntimo, consciente de resto de que possivelmente nada era assim tão engraçado sob as condições históricas prevalecentes, “pois é óbvio para todo mundo em nossos dias - você não acha, Quincey? - que o pecado original foi a propriedade da terra...” (LOWRY, 2007, p. 141).

Desde *À sombra do vulcão* podemos afirmar que Lowry antecipa o que Françoise Král denomina “a crise da grande narrativa de identidade, uma crise que tem sacudido os alicerces da noção de autenticidade” (KRÁL, 2009, p. 52, tradução nossa) e que é objeto de estudo de boa parte da literatura pós-colonial. Andrew John Miller, por outro lado, considera que Lowry participa na “emersão de uma forma de literatura que pode ser descrita não como global ou pós-colonial, mas como pós-nacional” (MILLER, 2004, p. 4, tradução nossa). De qualquer forma, Geoffrey Firmin em seu papel de Cônsul Britânico não corresponde ao Geoffrey Firmin desprotegido e abandonado nascido na colônia britânica da Índia, e nesse sentido é vítima “do processo de despersonalização causado pelo colonialismo” (BHABHA, 1994, p. 41, tradução nossa). O encontrar-se no ponto em que “e na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação, [nationnes] o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados” (BHABHA, 1998, p. 16), Lowry caracteriza um personagem que somente pode ser construído a partir da noção do outro, em um contexto que não é imperial nem britânico, o qual o impede ter qualquer tipo de amarra que o vincule a uma identidade “autêntica.”

Como Cônsul Britânico, é identificado, de forma un tanto mimetizada e simulada, com a caricatura do inglês que se aproxima e o resgata quando cai ou, em palavras do narrador: “...Mas foi a calle Nicaragua, de repente, que se levantou para encontrá-lo.” (LOWRY, 2007, p. 84). “Ao ouvir uma voz bem britânica [...] saiu de trás do volante [...] de um carro extremamente baixo e comprido, que parou murmurantemente a seu lado: um M. G. Magna, ou algo assim” (LOWRY, 2007, p. 86), Lowry identifica a gravata do sujeito que tenta ajudá-lo, com o monograma distintivo de algum colégio da Universidade de Cambridge (o que cria não somente um laço que os identifica como egressos de dita universidade, mas também uma noção de classe e de pertencimento a um grupo privilegiado que sobrevive até os nossos dias) e para a sua surpresa “surpreendeu sua voz tornando-se involuntariamente um pouco mais ‘britânica.’” (LOWRY, 2007, p. 87). Ao mesmo tempo, contudo, compartilha alguns aspectos com seu meio-irmão Hugh de que o sentido de *Englishness* é uma espécie de farsa, que resume seu próprio fracasso: “Como um sentimentalista, um confusionista, um realista, um

sonhador, um herói, um hipócrita, um covarde, um inglês, em suma incapaz de levar suas metáforas até as últimas conseqüências [de dita identidade]” (LOWRY, 2007, p. 193). Sabe também que no México, nesse momento histórico, é um estrangeiro em um país estrangeiro, mas graças à expansão imperial, sempre existe a possibilidade de encontrar outro inglês no mesmo lugar.

Porém, como Geoffrey Firmin, despojado de seu papel oficial, o protagonista nunca consegue esquecer seu país natal e os vínculos afetivos que o unem a ele. É um fato notável (e, surpreendentemente, ignorado pelos críticos) que uma boa parte das descrições da paisagem mexicana estabelece uma analogia com a paisagem da Índia, e que, ainda, os quadros pintados pela mãe nas cenas da Caxemira são parte da decoração de sua casa. Assim, por exemplo, na alucinação anterior ao encontro com o chofer inglês, na Rua Nicarágua, alusão à sua fala com Hugh, lembra que “desde que nosso Pai subiu os Alpes Brancos sozinho para não mais voltar, e na verdade isso foi no Himalaia, e com uma frequência que contraria minha vontade esses vulcões [Popocatépetl e Iztaccíhuatl] me lembram tais montanhas, como esse vale me lembra o Vale do Indo e aquelas árvores velhas de turbante de Taxco me lembram Srinigar, assim como Xochimilco [...] foi o lugar que mais me lembrou as casas-barcos do Shalimar...” (LOWRY, 2007, p. 101). Ou “os jardins Borda o lembram do maravilhoso jardim mogol em Nishat Bagh, cujo significado é “jardim da felicidade ou dos deleites”. E durante a corrida de touros em Tomalín, quando já praticamente se quebrou a comunicação com Yvonne e Hugh, ele pensa sobre os deuses védicos, o parecido entre soma e o mescal, a chegada de Alexandre, o grande, a Taxila (cuja pronúncia o lembra de Tlaxcala) e, para terminar, como Cristo chegou a Caxemira e morreu lá, em Srinagar.” (LOWRY, 2007, p. 85).

A partir das coincidências, tão apreciadas por Lowry, não deixa de ser irônico, dentro do grotesco do ambiente do *El Farolito*, que durante o ato sexual fracassado com a prostituta Maria, se dá conta de que há uma história em espanhol da Índia Britânica. A última analogia já surge no delírio do último suspiro quando ao perceber que é baleado e que a morte pouco digna é eminente, o Himalaia se funde com o Popocatepetl e o Cônsul atinge uma redenção momentânea, antes de que alguém lhe jogue atrás um cachorro morto.

À *sombra do vulcão* é uma obra inundada pela história da expansão imperial britânica, e como tal, permite mais de uma leitura divergente da imagem estereotipada do México como “paraíso infernal”, mas também uma maior apreciação e mais profunda da complexidade textual e temática desta obra fundamental de meados do século XX. Ao mostrar o vasto

alcance do Império Britânico e subverter alguns de seus atributos distintivos, como o culto à aventura e à masculinidade, o motivo da civilização, o heroísmo moral, a atitude puritana perante o trabalho, a educação elitizada em Oxbridge, e o império como um espaço que pode ser possuído, representado e convertido em uma lenda vivenciada e viva, Lowry transcende muitas das atitudes e não apenas de Joseph Conrad (que escreveu a princípios do século), mas também de seus contemporâneos que visitaram o México e não puderam escapar de uma visão completamente eurocêntrica e racista.

Mediante a caracterização de Geoffrey (e do seu contraponto), Hugh Firmin oferece uma comovedora reflexão sobre as consequências da dominação imperial e a irresponsabilidade das grandes potências sobre seus atos. Resumindo e citando as últimas palavras que Geoffrey dirigiu a Yvonne e Hugh, antes dele ir embora, para no fim ir de encontro a sua própria morte:

Não faz muito tempo era a pobre e pequena Etiópia indefesa. Antes disso, a pobre e pequena Flandres indefesa. Para não dizer nada, é claro, do pobre e pequeno Congo Belga indefeso. E amanhã será a pobre e pequena Letônia indefesa. Ou a Finlândia. Ou o Pirlipipi. Ou mesmo a Rússia. Leia a história. Volte uns mil anos. Para que interferir em seu imprestável e estúpido caminho? Como uma *barranca*, uma ravina, atolada de lixo, serpenteando através das eras, e aos poucos desaparecendo em ... Por Deus, o que toda a heróica resistência oferecida por pobres e pequenos povos indefesos, todos, antes de mais nada, tornados indefesos por alguma razão bem calculada e criminosa..." [...] tem a ver com a sobrevivência do espírito humano? nada versus nada. Menos que nada. Países, civilizações, impérios, grandes hordas morrem por nenhuma razão, e suas almas e sentido morrem com eles, para que um velho de quem você nunca tenha ouvido falar, e que nunca ouviu falar deles, sentado derretendo-se em Timbuktu, provando a existência do correlativo matemático do *ignoratio elenchi* con instrumentos obsoletos, possa sobreviver. (LOWRY, 1975, p. 259).

REFERÊNCIAS

ANAYA, Nair. **La otredad del mestizaje**. América Latina en la literatura inglesa. Facultad de Filosofía y Letras, México, Universidad Nacional Autónoma de México, 2001.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. Disponível em: <https://teoliteraria.files.wordpress.com/2013/02/bhabha-homi-k-o-local-da-cultura.pdf> Acesso em: jan. 2020.

BLOOM, Harold. **The Western Canon**. The Books and Schools of the Ages. Nueva York, Riverhead Books. 1994.

BRADBURY, Malcolm. Lowry as a Modernist. In: LOWRY, Malcolm. **Under the Volcano**. Gordon Bowker (ed.). Houndmills y Londres: Macmillan, Casebook Series, 1973. p. 79-89

COHN, Dorrit. **Transparent Minds**. Narrative Modes for Presenting Consciousness in

Fiction. New Jersey: Princeton University Press, Princeton. 1978.

GIKANDI, Simon. **Maps of Englishness**. Writing Identity in the Culture of Colonialism. Nueva York, Columbia University Press. 1996.

GRACE, Sherril. The Luminous Wheel. *In*: LOWRY, Malcolm. **Under the Volcano**. Gordon Bowker (ed.). Houndmills y Londres: Macmillan, Casebook Series, 1982. p. 152-171

KRÁL, Françoise. **Critical Identities in Contemporary Anglophone Diasporic Literature**. Houndsmill: Palgrave Macmillan. 2009.

MILLER, Andrew John. Under the Nation-State: Modernist Deterritorialization in Malcolm Lowry's *Under the Volcano*. **Twentieth Century Literature**, vol. 50, núm. 1 p. 1-17, (Primavera, 2004) 2004. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4149251>. Acesso em: jan. 2020.

NICHOLLS, Peter. **Modernism. A Literary Guide**. Houndmills: Palgrave Macmillan. 2009.

LOWRY, Malcolm. **À sombra do vulcão**. Traduzido por: Leonardo Fróes. Porto Alegre, RS: L&PM Pocket, 2007. Tradução de: *Under the Volcano*.

LOWRY, Malcolm. **Bajo el volcán**. Traduzido por: Raúl Ortiz y Ortiz. México, Era. 1964. Tradução de: *Under the Volcano*.

LOWRY, Malcolm. **Sob o Vulcão**. Traduzido por: Angela Loureiro de Souza e Mauricio Gomes Leite. Rio de Janeiro: Artenova, 1975. Tradução de: *Under the Volcano*.

LOWRY, Malcolm. **The Selected Letters of Malcolm Lowry**. Harvey Breit y Margerie Bonner Lowry (eds.), Harmondsworth, Penguin. 1967.

LOWRY, Malcolm. **Under the Volcano**. Harmondsworth, Penguin / Jonathan Cape. 1947.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Traduzido por: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Disponível em: <http://dynamicon.com.br/wp-content/uploads/2017/02/Cultura-e-Imperialismo-de-Edward-Said.pdf>. Acesso em: jan. 2020. Tradução de: *Culture and Imperialism*.

SPIVAK, Gayatri C. Reading the Satanic Verses. *In*: **Outside in the Teaching Machine**, Nueva York y Londres, Routledge. p. 217-242.

VEITCH, Douglas W. **Lawrence, Green and Lowry: The Fictional Landscape of Mexico**. George Woodcock (prefácio). Ontario, Wilfrid Laurier University Press, 1978.

WALKER, Ronald G. **Infernal Paradise**. Mexico and the Modern English Novel. Berkeley: University of California Press. 1978.

WOOD, Barry. The Strands of Novel, Confession, Anatomy and Romance. *In*: LOWRY, Malcolm. **Under the Volcano**. Gordon Bowker (ed.). Houndmills y Londres: Macmillan, 1980. Casebook Series. p. 142-151.

* Nair María ANAYA FERREIRA – Doutora e Mestre em Literatura Inglesa pela Universidade de Londres. Professora Titular C na Faculdade de Filosofia e Letras na Universidad Nacional Autónoma de México. Cidade do México, México.

Currículo acadêmico: <http://letras.comp.filos.unam.mx/profesores/nair-anaya/>

E-mail: nair@servidor.unam.mx

** Mara Gonçalves BEZERRA – Doutora em Estudos da Tradução (2016) e Mestre em Literatura (2011) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em Psicopedagogia (2006) pelo Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Licenciada em Letras - Língua e Literatura Espanhola (2008) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Realizou estágio pós-doutoral (2019) na mesma universidade. Professora substituta na Universidade Federal de Santa Catarina e professora do Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/0696362088302744>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8390-5910>

E-mail: mara.gonzalez.letras@gmail.com

*** Andréa Cesco – Doutora em Literatura (2007) e Licenciada em Letras Português/Espanhol (2001) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio de doutorado na Universitat de Barcelona (UB), Espanha. É professora associada da Universidade de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/6339643703057257>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4708-186X>

E-mail: andrea.cesco@gmail.com

¹ N.T.: para as citações da obra, no português do Brasil, foi utilizada a edição publicada pela L&PM Pocket: LOWRY, Malcolm. *À sombra do vulcão*. Tradução de Leonardo Fróes. Porto Alegre, RS: L&PM Pocket, 2007. Quando a tradução for nossa, será indicado no texto.

² N.T.: para esta citação a tradução para a língua portuguesa foi realizada pelas tradutoras.

³ N.T.: para as citações da obra de Edward Said, no português do Brasil, utilizamos a seguinte edição: SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁴ N.T.: *churriguerismo*, segundo o Dicionario de la Real Academia Española, é o estilo de ornamentação pomposa empregada por Churriguera, arquiteto e escultor barroco de fins do século XVII e dos seus imitadores na arquitetura espanhola do século XVIII. Disponível em <http://dle.rae.es/?id=96MfxUS>. Acesso em: jan. 2020.